

AS REPRESENTAÇÕES DE COMUNIDADE CONSTRUÍDAS POR CRIANÇAS DO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL NO CONTEXTO DO PIBID

Eixo 4 – Práticas Educativas em espaços escolares e não escolares

Grazielly Garcia Vaz de Oliveira³⁵

Liz Angela Pinto Candido³⁶

Resumo

Este relato de experiência apresenta reflexões desenvolvidas a partir das vivências do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) em uma turma do 1º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública municipal. A problemática surgiu dos seguintes questionamentos: como as crianças representam a comunidade em que vivem? De que maneira essas percepções podem contribuir para o planejamento de práticas pedagógicas contextualizadas? Para aproximarmos destas questões, este relato objetiva compreender como a comunidade é expressa por crianças em suas narrativas. Como procedimentos metodológicos foram analisados registros de campo das bolsistas do Pibid, nos quais são descritas as situações observadas e, sobretudo, as narrativas infantis ouvidas durante as interações na escola. As análises evidenciaram que os estudantes atribuem diferentes significados ao território onde vivem, revelando aspectos sociais, culturais e afetivos. Conclui-se que a escuta das crianças favorece práticas pedagógicas mais significativas e fortalece a formação docente.

Palavras-chave: Comunidade; Infância; Pibid; Narrativas infantis; Alfabetização.

Introdução

A escola é um espaço em que as crianças constroem conhecimentos sobre diferentes aspectos da vida em sociedade. Ao compartilharem experiências, dialogarem com colegas e professores e participarem das atividades propostas, elas expressam percepções sobre os lugares que frequentam, as pessoas com quem convivem e as relações que estabelecem em seu cotidiano.

No entanto, nem sempre a escola é um espaço que favorece a fala e a escuta dessas manifestações infantis, sobretudo quando as crianças ingressam no ensino fundamental. Na educação infantil, é comum que a rotina pedagógica se inicie com rodas de conversa, nas quais, mediadas ou não por músicas, cantigas e histórias, as crianças são incentivadas a falar sobre seu cotidiano. Porém, como aponta Teresa Sarmiento (2018), referindo-se ao 1º ciclo em Portugal, correspondente ao que denominamos no Brasil como anos iniciais do ensino fundamental, esse cenário se modifica, uma vez que

[...] o tempo e o espaço estão fortemente condicionados pelo programa curricular a cumprir, não sendo muito usual a prática de conversação entre crianças e professores, salvo em salas onde se desenvolvem modelos pedagógicos em que a socialização é um dos principais princípios consagrados. (Sarmiento, 2018, p. 131).

Nessa perspectiva, Dias e Campos (2015, p. 647), recorrendo sobre os resultados de uma pesquisa que aborda a transição da educação infantil para o ensino fundamental, observaram que “[...] embora algumas práticas sejam comuns à educação infantil e à escola (por exemplo: dia do brinquedo,

³⁵Estudante do curso de Pedagogia/Faed. Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid). E-mail: grazielly.garcia@ufms.br.

³⁶ Estudante do curso de Pedagogia/Faed. Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid). E-mail: liz71185@gmail.com.

hora de parque)”, as relações tornam-se visivelmente mais burocráticas no decorrer de apenas dois meses de transição entre a educação infantil e o ensino fundamental, alterando a forma de mediação dessas práticas. No bojo do que denominam como “burocratização das relações”, as autoras citam a supervalorização do silêncio, a separação física de crianças que conversam entre si, a imposição de regras como “levantar a mão” para fazer uma pergunta para a professora, entre outras situações. Segundo elas:

A interação entre os pares, no ensino fundamental, restringia-se praticamente ao recreio, pois, em sala de aula, se havia interações, estas ocorriam quando as crianças transgrediam as ordens pré-estabelecidas. Houve momentos em que as crianças reclamavam do excesso e da repetição de atividades e constantemente demonstravam cansaço e tédio. Falas foram silenciadas pela professora e pela própria cultura escolar. (Dias; Campos, 2015, p. 647).

Desse modo, observa-se que, a depender da abordagem pedagógica, pode haver no ensino fundamental uma maior dificuldade para se ouvir e levar em consideração o que as crianças expressam, seja sobre as associações que estabelecem entre alguns conteúdos curriculares e suas experiências pessoais, seja sobre os significados que atribuem à realidade em que vivem.

No contexto do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid), nos encontros quinzenais em que debatemos conceitos, teorias e temas referentes à prática pedagógica com crianças em fase inicial de aprendizagem da leitura e da escrita, temos aprendido sobre a relevância de desenvolver uma escuta atenta e sensível às narrativas infantis.

Mas, o que são narrativas infantis? Maria da Conceição Passeggi *et al.* (2014, p. 92), compreende a narrativa infantil, a partir de uma “concepção minimalista de narrativa”, como aquilo que a “criança biografa nas rodas de conversa, com frases curtas e breves [...]”, citando, como exemplo, a fala de “Guy (5 anos), que biografa um fragmento da experiência vivida, para dar conta de como e do quanto ele cresceu: ‘Um dia, eu cresci, aí... eu cresci desse tamanho’ (abrindo bem os braços).”

Dessa forma, consideramos, para a escrita deste relato, que “[...] existe narrativa de vida desde que haja descrição sob forma narrativa de um fragmento da experiência vivida” (Bertaux, 2010, *apud* Passeggi *et al.*, 2014, p. 92). Com base nessa abordagem, passamos a registrar tanto as práticas pedagógicas observadas na escola quanto as narrativas compartilhadas pelos estudantes em seus momentos de interação coletiva.

As observações foram realizadas em uma turma do 1º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Luiz Cavallon, situada em um bairro periférico de Campo Grande, MS. A problemática que motivou a elaboração deste relato de experiência ocorreu durante uma atividade conduzida pela professora regente, em que as crianças foram convidadas a conversar sobre conceitos presentes em seu cotidiano, como família, comunidade e escola. As respostas surgiram de forma espontânea, revelando diferentes compreensões sobre o lugar onde vivem e sobre as relações que estabelecem com as pessoas ao seu redor. Enquanto algumas associaram a comunidade às pessoas próximas de suas casas, outras relacionaram o conceito aos espaços que frequentam diariamente ou aos vínculos construídos com familiares e vizinhos.

Essas diferentes formas de compreender a comunidade despertou uma curiosidade durante as vivências no Pibid: como as crianças do 1º ano do Ensino Fundamental representam a comunidade a partir de suas experiências cotidianas?

Nessa perspectiva, este relato fundamenta-se na compreensão de que a criança é um sujeito histórico e social, capaz de produzir conhecimentos e atribuir sentidos ao mundo desde os primeiros anos de vida. Para Vygotsky (2007), o desenvolvimento ocorre por meio das interações sociais e da mediação da linguagem, enquanto Corsaro (2011) destaca que as crianças interpretam, recriam e

transformam a cultura a partir de suas próprias experiências. Assim, ouvir atentamente suas narrativas significa reconhecer que elas produzem conhecimentos sobre a realidade e podem contribuir para práticas pedagógicas mais contextualizadas.

Como procedimentos metodológicos, foram analisadas as narrativas infantis registradas em diário de campo pelas bolsistas. Conforme Passeggi *et al.* (2014, p. 92), essa análise impõe um desafio, que é “o de interpretar a interpretação da criança, em suas pequenas narrativas”, o que exige “[...] ainda mais cuidado, ainda mais rigor, para nos aproximarmos de sua visão de mundo, sem nos deixar envolver pelo óbvio ou pelo espírito de análise e preocupações teóricas que venham a pôr em risco o modo de pensar da criança.”

Assim, com esse cuidado ético, o presente relato de experiência tem como objetivo analisar as representações de comunidade construídas por crianças do 1º ano do Ensino Fundamental durante uma atividade desenvolvida no âmbito do Pibid, refletindo sobre as contribuições da escuta das narrativas infantis para a formação inicial de professores e para a construção de práticas pedagógicas que valorizem os conhecimentos e as experiências das crianças.

As vozes das crianças sobre comunidade: narrativas, pertencimentos e vivências no território escolar

A experiência relatada neste trabalho foi desenvolvida no primeiro semestre de 2026, em uma turma do 1º ano do Ensino Fundamental, durante as atividades do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid). A proposta partiu da compreensão de que a criança não chega à escola sem conhecimentos prévios, mas carrega consigo experiências construídas nos diferentes contextos dos quais participa, como a família, a vizinhança e os espaços frequentados diariamente.

As aulas foram planejadas pela professora regente de acordo com o currículo escolar da Reme, articulando conteúdos de Geografia, de forma adequada à faixa etária dos alunos. Para iniciar a conversa, foram utilizados livros didáticos de Geografia que apresentavam imagens representativas de diferentes configurações familiares, além de textos lidos e mediados de maneira acessível às crianças.

Durante a atividade, a professora conduziu as perguntas com cuidado, permitindo que os alunos conversassem entre si, compartilhassem experiências e formulassem suas próprias respostas. Algumas falas surgiram de forma espontânea e revelaram compreensões importantes sobre a organização familiar. Uma situação que chamou atenção ocorreu quando a professora perguntou: “Com quem vocês moram?”. Um aluno, sentado ao fundo da sala, levantou a mão e respondeu: “Eu moro com a minha mãe, meu irmão e uma irmã, e só; mas, quando chega a noite, meu pai volta do trabalho”. A professora, então, interveio de forma sensível, perguntando: “E você acha que ele também não faz parte da sua família? Seu pai sai para trabalhar e volta à noite; portanto, ele mora com você também”.

Essa fala possibilitou uma reflexão sobre como, em muitos lares brasileiros, as responsabilidades familiares ainda são frequentemente associadas às mulheres, especialmente no cuidado da casa e dos filhos. Também evidenciou que, em algumas realidades, a figura paterna pode ser percebida pelas crianças como menos presente no cotidiano, mesmo quando participa da organização familiar por meio do trabalho. Escutar as crianças e acolher suas percepções é um exercício importante para compreender melhor as diferentes realidades sociais vivenciadas por elas.

A intervenção teve como objetivo reconhecer as diferentes formas de organização da família e da comunidade, considerando os vínculos pessoais, as relações de convivência, a participação e a colaboração no cotidiano. A mediação da professora regente favoreceu a escuta participativa, incentivando os alunos a relacionarem suas histórias pessoais às histórias de suas famílias e da comunidade em que vivem.

Nesse sentido, a atividade desenvolvida esteve articulada às habilidades previstas para o 1º ano do Ensino Fundamental, contemplando, no componente curricular de História, a habilidade CG.EF01HI02.s, que consiste em identificar relações entre as histórias pessoais dos estudantes, as histórias de suas famílias e as de sua comunidade, e a habilidade CG.EF01HI03.s, relacionada à descrição e distinção dos papéis e responsabilidades dos sujeitos nos diferentes espaços de convivência, como a família, a escola e a comunidade. Os conhecimentos específicos mobilizados envolveram as diferentes formas de organização da família e da comunidade, os vínculos pessoais, as relações de convivência e as responsabilidades assumidas nos diferentes espaços sociais. Também foram trabalhadas atitudes relacionadas ao cuidado, ao respeito, à organização dos espaços de convivência, à participação social e à colaboração no cotidiano. No componente curricular de Geografia, a atividade contemplou a habilidade CG.EF01GE07.s, que consiste em descrever atividades de trabalho relacionadas ao dia a dia da comunidade.

A partir disso, foram abordadas as diferentes profissões e atividades realizadas pelas pessoas no contexto comunitário, buscando possibilitar aos estudantes o reconhecimento das funções desempenhadas pelos diferentes profissionais e a compreensão da importância do trabalho para a organização da vida em sociedade. Assim, esperava-se que os estudantes ampliassem sua compreensão acerca das relações estabelecidas entre as pessoas, os espaços de convivência e as atividades profissionais presentes na comunidade, reconhecendo a importância da participação e do trabalho de diferentes sujeitos para o funcionamento da vida coletiva.

Inicialmente, foram realizadas conversas mediadas pelas bolsistas do Pibid, utilizando perguntas que possibilitassem a reflexão das crianças sobre seus territórios e relações sociais, como: “Como é o lugar onde você mora?”, “O que tem na sua rua?”, “Você conhece seus vizinhos?”, “Quais lugares você frequenta com sua família?”, “O que você observa no caminho até a escola?” e “O que é família para você?”. Durante a conversa, chamou atenção a forma como as crianças compreendiam o conceito de família. Ao serem questionadas sobre o significado desse grupo social, elas responderam que a família era formada por “pessoas que se amavam”. Tal definição evidencia uma compreensão que ultrapassa a ideia de família baseada apenas em vínculos de parentesco, destacando aspectos relacionados ao cuidado, ao afeto, à convivência e ao sentimento de pertencimento. Assim, a partir das falas infantis, foi possível perceber que as crianças constroem seus conceitos a partir das experiências vividas e das relações estabelecidas em seus contextos sociais.

As respostas também revelaram diferentes formas de compreender a comunidade. Ao contrário de uma definição formal ou abstrata, as crianças relacionaram esse conceito às situações presentes em suas rotinas. João³⁷, por exemplo, destacou que em sua rua havia muitas crianças e ressaltou as brincadeiras realizadas com os vizinhos, evidenciando a rua como um espaço de convivência, interação e construção de vínculos.

Lucas apresentou uma percepção relacionada aos espaços que fazem parte de seu cotidiano, mencionando lugares próximos à sua residência, como uma loja de colchões e o mercado frequentado por sua família. Além disso, relatou o caminho realizado até a escola e as brincadeiras compartilhadas com o sobrinho e com outras crianças da vizinhança. Sua narrativa demonstrou que os espaços da comunidade adquirem significado a partir das experiências e relações construídas pelas pessoas que os frequentam.

Outras falas também evidenciaram a relação entre comunidade e convivência. Luiza relatou que costumava brincar na calçada de sua casa com suas irmãs e vizinhas, apresentando esse espaço como um ambiente de interação social e compartilhamento. Lucas, por sua vez, mencionou morar próximo à escola e frequentar uma lanchonete com sua família. Embora tenha relatado que não

³⁷ Utilizamos nomes fictícios, para preservar a identidade das crianças.

costumava brincar na rua devido às orientações de sua mãe, sua fala revelou a presença de outros espaços e relações que compõem sua vivência comunitária.

A partir dessas narrativas, foi possível compreender que a comunidade, na perspectiva das crianças, não se limita a um espaço geográfico definido, mas envolve relações de pertencimento, afetos, memórias e experiências compartilhadas. Elas reconhecem como parte de sua comunidade os familiares, os vizinhos, os amigos, os espaços de brincadeira, os estabelecimentos comerciais frequentados e os trajetos percorridos diariamente. Dessa forma, suas falas revelam que o território é construído não apenas pelos lugares existentes, mas também pelos significados atribuídos a eles pelas pessoas que nele vivem, o que converge com o entendimento de Souza (2000) de território não como algo fixo, de natureza físico-espacial, mas como fruto das relações sociais projetadas pelos agentes sociais no espaço.

Essa experiência também dialoga com os estudos de Vygotsky (2007), ao compreender que o desenvolvimento humano ocorre por meio das interações sociais e das experiências culturais construídas pelos sujeitos. Nesse sentido, as falas das crianças demonstram que seus conhecimentos sobre a comunidade são produzidos nas relações que estabelecem com outras pessoas e com os espaços que fazem parte de suas vidas. Assim, reconhecer esses saberes no ambiente escolar possibilita uma prática pedagógica mais próxima da realidade dos estudantes.

Além disso, as contribuições de Corsaro (2011) permitem compreender as crianças como sujeitos ativos na produção de significados sobre o mundo em que vivem. Ao compartilharem suas percepções sobre família e comunidade, os estudantes demonstraram capacidade de interpretar suas experiências e atribuir sentidos próprios aos espaços sociais dos quais participam. Cada criança destacou aspectos diferentes de sua realidade, revelando múltiplas formas de vivenciar a infância e construir relações com o território.

Para as bolsistas do Pibid, a realização dessa atividade possibilitou ampliar o olhar sobre a infância e sobre os conhecimentos que as crianças constroem em seus diferentes espaços de convivência. A escuta das narrativas infantis mostrou-se fundamental para compreender que os estudantes possuem saberes relacionados à sua comunidade e que esses conhecimentos podem ser utilizados como ponto de partida para práticas pedagógicas mais significativas.

Dessa maneira, a experiência contribuiu para a formação docente das pibidianas ao evidenciar a importância de valorizar as vozes das crianças, suas histórias e suas formas próprias de compreender o mundo. Mais do que identificar o que existe na comunidade, a atividade permitiu compreender como as crianças estabelecem relações de pertencimento com os lugares e pessoas que fazem parte de suas trajetórias, reforçando a necessidade de uma educação que reconheça os sujeitos e seus contextos sociais.

Considerações Finais

A experiência vivenciada no contexto do Pibid possibilitou compreender que as crianças constroem suas percepções sobre comunidade a partir das relações que estabelecem em seus diferentes espaços de convivência. Dessa forma, o objetivo do relato foi alcançado, ao evidenciar a importância de escutar as crianças e reconhecer seus modos próprios de interpretar a realidade em que estão inseridas.

A escuta ativa e o registro das falas das crianças contribuíram para ampliar a compreensão das bolsistas sobre a importância de uma prática docente que valorize os conhecimentos construídos pelos estudantes fora do ambiente escolar. Ao considerar as vivências familiares, sociais e culturais das crianças como elementos presentes no processo educativo, torna-se possível desenvolver propostas pedagógicas mais significativas e próximas de suas realidades.

Além disso, a experiência possibilitou refletir sobre a formação inicial de professores, uma vez que o contato com o cotidiano escolar e com as narrativas infantis favoreceu a construção de um

olhar mais sensível e atento às diferentes formas de aprendizagem e participação das crianças. O Pibid, nesse sentido, mostrou-se um espaço fundamental para aproximar teoria e prática, permitindo que as futuras docentes compreendam a escola como um ambiente atravessado por diferentes histórias, sujeitos e contextos.

Assim, o relato contribui para pensar a educação a partir de uma perspectiva que reconhece a criança como sujeito ativo, capaz de produzir conhecimentos e atribuir sentidos às suas experiências. Valorizar suas vozes e seus territórios constitui uma prática essencial para uma educação mais inclusiva, contextualizada e comprometida com a realidade dos estudantes.

Referências

- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 22 jul. 2026.
- CAMPO GRANDE (MS). Secretaria Municipal de Educação. **Currículo de Referência da Rede Municipal de Ensino de Campo Grande – MS: Ensino Fundamental**. Campo Grande, MS: SEMED, 2021.
- CAMPO GRANDE (MS). Secretaria Municipal de Educação. **Referencial Curricular da Rede Municipal de Ensino de Campo Grande – MS**. Campo Grande, MS: SEMED, [s.d.].
- CORSARO, William Arnold. **Sociologia da infância**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- DIAS, Edilamar Borges; CAMPOS, Rosânia. Sob o olhar das crianças: o processo de transição escolar da educação infantil para o ensino fundamental na contemporaneidade. **Rev. bras. Estud. pedag.** (online), Brasília, v. 96, n. 244, p. 635-649, set./dez. 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/S2176-6681/346813580>.
- PASSEGGI, Maria da Conceição *et al.* Narrativas de crianças sobre as escolas da infância: cenários e desafios da pesquisa (auto)biográfica. **Educação**, Santa Maria, v. 39, n. 1, p. 85-104, jan./abr. 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.5902/1984644411345>.
- SARMENTO, Teresa. Narrativas (auto) biográficas de crianças: alguns pontos em análise. In: PASSEGGI, Maria da Conceição *et al.* (Org.). **Pesquisa auto (biográfica) em educação: infâncias e adolescências em espaços escolares e não-escolares**. Natal, RN: EDUFRN, 2018. p. 123-143.
- SOUZA, Marcelo José Lopes de. O Território sobre Espaço e Poder, Autonomia e Desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- VYGOTSKY, Lev Semionovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.